

DOI <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v13.n30.01>

## O discurso antifeminista em memes

### *The Antifeminist Discourse in Memes*

**Martha Julia Martins\***

**Caroline Chioquetta Lorenset\*\***

**Giana Targanski Steffen\*\*\***

**Resumo:** O presente artigo analisa, a partir da perspectiva do feminismo decolonial (VERGÊ, 2020; LUGONES, 2014; OYEWUMÍ, 1997) e da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1989, 2003), o discurso antifeminista presente em memes de ampla divulgação em redes sociais e aplicativos de mensagem, em que as construções discursivas distorcem as verdadeiras pautas defendidas por movimentos político-progressistas como o feminismo. Os memes foram selecionados entre 2019 e 2020, por meio de compartilhamento, através do aplicativo de mensagem WhatsApp. Dessa forma, é analisada a linguagem dinâmica e imediatista dos memes que atingem um número considerável de indivíduos que tenham acesso à internet e a essas formas de divulgação, bem como os possíveis impactos discursivos desses textos, na construção sociodiscursiva da sociedade brasileira, onde tais textos circulam.

**Palavras-chave:** Antifeminismo. Memes. Redes sociais. Desinformação.

**Abstract:** This article analyzes, from the perspective of decolonial feminism (VERGÊ, 2020; LUGONES, 2014; OYEWUMÍ, 1997) and Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 1989, 2003), the anti-feminist discourse present in memes that are widely disseminated on social networks and messaging applications, in which discursive constructions distort the real agendas defended by progressive political movements such as feminism. The memes were selected between 2019 and 2020, through sharing via the WhatsApp messaging app. In this way, the dynamic and immediate language of memes that affect a considerable number of individuals who have access to the internet and these forms of dissemination is analyzed, as well as the possible discursive impacts of these texts on the socio-discursive construction of Brazilian society, where such texts circulate.

**Keywords:** Antifeminism. Memes. Social networks. Misinformation.

---

\* Universidade Federal de Roraima (UFRR).

\*\* Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC).

\*\*\* Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

## Considerações iniciais

Muitas pesquisas têm sido realizadas sobre o uso de memes em diversas áreas, como a política (CHAGAS, 2021; PIAIA; ALVES, 2017; REIS *et al.*, 2020; ZIDJALY, 2017), a aprendizagem de línguas estrangeiras (ARAGÃO; LEMOS, 2017), a literatura (MAGGONG, 2019), a educação (MADDALENA; COUT; TEIXEIRA, 2020), questões de racismo (COELHO; COSTA, 2018; MATAMOROS-FERNANDEZ, 2020), questões de gênero (DONCEL, 2016) e até sobre COVID-19 (BALAREZO-LÓPEZ, 2020; SANTANA *et al.*, 2020). A tarefa de incluir memes e de descobrir maneiras de promover o humor, para abordar assuntos sociais sérios, tem sido o foco de muitos pesquisadores em todo o mundo. Nesse sentido, os pesquisadores de linguística e áreas afins procuram contribuir.

Seguindo essa corrente, o presente artigo busca contribuir com a discussão ao analisar memes de teor antifeminista coletados entre 2019 e 2020, através de compartilhamento via aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, enviados por alunos. O envio de memes resultou em uma coleta de cerca de 30 memes, dentre os quais, após análise e interpretação, foram divididos entre as seguintes categorias: (i) memes conceituais; (ii) memes difamatórios; e (iii) memes cômicos. As categorias mencionadas são autorais e emergiram durante a análise dos memes coletados.

Os memes conceituais dizem respeito a todos aqueles que tentam conceituar o feminismo e seus preceitos e acabam distorcendo os fundamentos e seus princípios básicos, enquanto movimento político de luta das mulheres por equidade, e enquanto estudo interdisciplinar analítico-interpretativo que analisa os papéis sociais de gênero. Os memes difamatórios buscam falar do feminismo, usando imagens de mulheres e focando em seus atributos físicos, geralmente fazendo uso de comparações entre mulheres, o que pode acarretar constrangimento

e rivalidade entre elas, uma vez que as classificam e as hierarquizam. E, por fim, os memes cômicos que utilizam mecanismos de humor<sup>1</sup> para reverberar um discurso desinformado sobre as pautas do feminismo.

A escolha de memes para esta análise não foi aleatória, uma vez que se justifica pelo fato de esse produto semiótico estar cada vez mais em evidência em nossa sociedade brasileira contemporânea, apresentando-se em constante circulação e não encontrando barreira quanto ao meio de circulação – pois pode ser facilmente compartilhado via redes sociais, *e-mails* ou aplicativos de mensagens –, quanto à idade ou quanto ao sexo do indivíduo que compartilha. Dessa forma, um texto multimodal de grande circulação na sociedade pode causar impacto considerável em termo discursivo e social, pois, como Gunther Kress e Theo van Leeuwen, especialistas em Semiótica Social dizem, “toda a ação social é semiótica e toda a ação semiótica é social” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 36, tradução nossa).

Os memes, de acordo com Sékula (2016), devem ser dissociados de informações da cultura “inútil” ou “besteiro”, que invadem diariamente nossas redes sociais. Sékula (2016, p. 23) define os memes presentes na cultura popular como “uma manifestação da própria cultura, colocando-a ainda sob o domínio do gosto e limitando seu potencial criativo e transformador”. Assim, acreditamos que, da mesma maneira que o discurso antifeminista presente nos memes aqui selecionados acarreta impacto considerável na forma como os indivíduos se relacionam com a temática de gênero e do feminismo, em igual medida a discussão e a reflexão em torno da temática podem acarretar mudança discursiva favorável ao pensamento feminista e a práticas igualmente feministas, uma vez que estabelecerá um discurso

---

<sup>1</sup> Humor, de acordo com o dicionário Oxford, significa 1. estado de espírito, ânimo; 2. comicidade em geral; graça, jocosidade; 3. expressão irônica e engenhosamente elaborada da realidade; espírito; 4. faculdade de perceber ou expressão tal comicidade. Neste artigo, humor, portanto, tem relação com a definição trazida por tal dicionário.

positivo. Embora alguns possam argumentar que memes não são textos unicamente divertidos, ao contrário os memes apresentam uma função social (des)educativa e (des)informativa, que não pode deixar de ser considerados por analistas do discurso na contemporaneidade. Acessíveis e dinâmicos, os memes estão longe de ser inofensivos e neutros.

Para este artigo, selecionamos três memes e utilizamos para a análise a abordagem teórico-metodológica da Análise Crítica do Discurso (ACD) de base *faircloughiana*, assim como a Semiótica Social com base nos estudos de Kress e van Leeuwen (2001, 2006), cuja perspectiva multimodal busca a compreensão dos diversos modos semióticos utilizados na comunicação. Ambas as abordagens permitem compreender a conexão entre as escolhas discursivas de atores, a estrutura e os eventos sociais. Por fim, a análise debruçar-se-á sobre a perspectiva dos Estudos de Gênero Decolonial, uma vez que tanto a ACD quanto a Semiótica Social expandem, frequentemente, em busca de sentido conceitual e metodológico interdisciplinar na teoria social contemporânea (*social theory*), para melhor compreender a linguagem como fenômeno social, espelho da sociedade.

### **Alguns aspectos teórico-metodológicos** ***Feminismo decolonial e as hierarquias de gênero***

O intuito de analisar memes que propagam discurso antifeminista, em uma perspectiva decolonial, reside no fato de a perspectiva feminista decolonial dar conta de demandas mais próximas das reivindicações do debate nacional-brasileiro, com índices alarmantes de violência perpetradas contra mulheres e indivíduos pertencentes à comunidade LGBTQI+ e com índices igualmente preocupantes de desigualdade estrutural, aprofundada mediante distinções de raça, classe e gênero, presentes na sociedade brasileira.

De forma bastante esclarecedora, a pesquisadora brasileira Flávia Rios explica:

O feminismo decolonial opõe-se frontalmente ao feminismo liberal, cujas pautas se encerram em demandas relativas à liberação sexual e à igualdade no mercado de trabalho, desconsiderando as clivagens e as desigualdades entre as mulheres. Opõe-se também ao “feminismo civilizatório” que na verdade é uma faceta assumida por organismos internacionais que em geral validam políticas imperialistas sobre os países periféricos, gerando opressão de povos, sobretudo de mulheres racializadas (RIOS, 2020, p. 8).

A “racialização” para a perspectiva decolonial é um conceito mais amplo, que pode englobar desde negras até outros indivíduos não brancos de origem asiática, africana, não ocidentais, que vivem em condição de migração fora de seu país de origem. Embora o feminismo decolonial não ignore a relevância de perspectivas como o feminismo interseccional e o *black feminism*, baseado no modelo estadunidense, não se limita a eles, uma vez que se encontra em um espaço de crítica muito mais pungente contra os efeitos do capitalismo neoliberal (RIOS, 2020).

A “racialização” como fenômeno político e social de exclusão contribui para estigmatizar e hierarquizar corpos femininos, em detrimento de corpos masculinos. Nesse sentido, as hierarquias da racialização são sentidas com mais proeminência no corpo de mulheres negras e lésbicas do que no corpo de homens brancos e cis-heteronormativos, por exemplo. Esse processo de racialização pressupõe a existência de corpos superiores não marcados e corpos inferiores marcados pela colonialidade de raça, classe e gênero.

A perspectiva decolonial entende que a colonialidade do poder impregnado pelos processos de colonização deixou um rastro patriarcal, racista e misógino, que persiste e influencia a vida das pessoas entre os países colonizados até hoje. Assim, a decolonialidade faz

referência a um movimento que tenta se impor contra a colonialidade de poder presente nessas sociedades, dentre eles, o patriarcado. Embora o patriarcado não seja o mesmo em todos os lugares do mundo (SAFFIOTI, 2015; VERGÈS, 2020), sua rejeição em diversos lugares mundo afora é bastante real, o que apenas descortina o quanto as forças desse patriarcado resistem, seja em decorrência da hostilidade completa a qualquer pensamento feminista, presente em algumas culturas, seja em decorrência de um feminismo civilizatório europeu que muito se baseia em ideologias racistas e xenófobas (VERGÈS, 2020).

Um dos pilares da colonialidade de poder concentra-se no pensamento binário e dicotômico, que se apresenta como única episteme possível e que serve para determinar e controlar os corpos, de acordo com essa lógica binária. É esse pensamento dicotômico que classifica, pune e controla o corpo daqueles que não cabem no padrão estipulado pela lógica colonial patriarcal, “euro-centrada”, branca, cis-heteronormativa e ocidental. A essa lógica, a pesquisadora argentina Maria Lugones (2014) chama de “colonialidade de gênero”, ou seja, a imposição de hierarquia entre homens e mulheres, sendo o homem o sujeito da perfeição, e a mulher a representante da passividade, o Outro do homem, o não homem, em que a imposição dessas categorias atingiu em cheio como nos relacionamos em sociedade e os papéis sociais de gênero que desempenhamos, seja no público ou no privado, nas relações familiares ou nas relações íntimas (LUGONES, 2014).

Para Lugones (2014) os papéis desempenhados de gênero são construídos em sociedade e não deve ser confundido com o sexo biológico dos indivíduos. Assim, ela aponta:

É importante observar que, frequentemente, quando cientistas sociais pesquisam sociedades colonizadas, a busca pela distinção sexual e logo a construção da distinção de gênero resultam de observações

das tarefas realizadas por cada sexo. Ao fazê-lo, eles/elas afirmam a inseparabilidade de sexo e gênero, característica que desponta principalmente das primeiras análises feministas. Análises mais contemporâneas têm introduzido argumentos pela reivindicação de que gênero constrói sexo. Mas, na versão anterior, sexo fundamentava gênero. Geralmente se confundiam: onde você vê sexo, verá gênero e vice-versa. Porém, se estou certa sobre a colonialidade do gênero, na distinção entre humano e não humano, sexo tinha que estar isolado. Gênero e sexo não podiam ser ao mesmo tempo vinculados inseparavelmente e racializados (LUGONES, 2014, p. 937).

É essa dicotomia entre os indivíduos que cria os padrões hierárquicos por detrás do discurso discriminatório e excludente contra mulheres e que se materializa em máximas, tais como: “mulher boa pra casar”, o que implica a existência de padrões que estabelecem que algumas mulheres são boas para casar e outras não; “toda feminista é contra a maternidade”, o que também cria padrões irrealistas que pretendem falar por todas as mulheres feministas. Nos memes analisados, esse padrão dicotômico impõe-se à medida que cria níveis hierárquicos entre as mulheres (feminista *versus* não feminista, mulher recatada *versus* mulher não recatada, apenas para citar alguns) e classifica essas mulheres de acordo com essas hierarquias (feministas como característica negativa e não feminista como caracterização positiva).

É importante refletir também sobre a lógica do corpo genderizado, como nos diz a pesquisadora nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí, em que os corpos, no Ocidente, são frequentemente vistos por uma lente de gênero, que tudo analisa e tudo constrói, com base na perspectiva de gênero que adotamos no Ocidente; isso explica por que sempre os indivíduos são classificados com base na norma que prediz a conformidade entre o sexo biológico e os papéis sociais de gênero, em congruência com esse sexo. É por isso que Oyèwùmí aponta que “é dada ao corpo uma lógica própria. Acredita-se que só de olhar para ele é possível dizer as crenças de uma pessoa e a posição social que

ocupa ou a falta dessa posição” (OYÈWÚMÍ, 1997, p. 1, tradução nossa).

O corpo do homem legitima e dá credibilidade a esse homem; o mesmo não acontece com mulheres, cujo corpo perde credibilidade por serem mulheres (OYÈWÚMÍ, 1997). Aliás, é com bastante frequência que o corpo feminino é usado contra as próprias mulheres, para justificar violências ou exclusões. Essa determinação é o que Oyèwúmí (1997) chama de “bio-lógica”, isto é, baseada em um determinismo biológico que impõe ao corpo tal racionalidade.

Dessa forma, a categoria “mulher” pressupõe um tipo de corpo específico, dentro de um padrão e em conformidade com um tipo de comportamento e sexualidade igualmente específicos. O fundamento do determinismo biológico sobre os corpos foi passado dos colonizadores para as colônias na América, Ásia e África e sobrevive, muitas vezes, até hoje sem ter sua lógica estrutural questionada. Federici (2017) ao falar da colonização na América espanhola aponta que a chegada dos colonizadores trouxe crenças misóginas que foram usadas a favor do prestígio e poder dos homens locais e dos colonizadores. De acordo com Federici (2017) a subalternização das mulheres na colônia advém desse contato com os colonizadores e a perda progressiva de *status*. Assim:

As mulheres sofreram também nas mãos dos chefes tradicionais, que, a fim de manter seu poder, começaram a assumir a propriedade das terras comunais e a expropriar das integrantes femininas da comunidade o uso da terra e seus direitos sobre a água. Na economia colonial, as mulheres foram assim reduzidas a condição de servas que trabalhavam como criadas para *encomenderos*, sacerdotes e corregidores, ou como tecelãs nos *obrajes*. As mulheres também foram forçadas a acompanhar seus maridos no trabalho de *mita* nas minas — um destino que era considerado pior que a morte (FEDERICI, 2017, p. 401).

As mulheres da colônia além de sofrerem com o rebaixamento de status e a perda de suas funções são submetidas a um sistema

dicotômico que as compara com outras mulheres, criando hierarquias não existentes antes da colonização, ou seja, a mulher europeia, branca, cis-heteronormativa vira a norma a ser seguida. O problema desse modelo é a forma como ele foi universalizado e difundido como força de verdade. Nesse sentido, Vergè (2020, p. 20) aponta que “as mulheres negras e racializadas podem circular na cidade, mas unicamente como presença fantasmagórica. Pode-se, então, ver o quanto as feministas civilizatórias, ao universalizarem sua situação, contribuem para a manutenção de um sistema de exploração racial”.

É essa lógica dicotômica, classificatória, essencialista e que se pretende universal, que observamos nos memes selecionados, estabelece padrões nocivos de comparação entre mulheres. As seções seguintes apresentam um arcabouço linguístico que ajuda na compreensão dos memes aqui trabalhados.

### **Discurso como prática social**

A Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) explica como a língua (tanto linguagem verbal quanto linguagem visual) pode influenciar a comunicação de forma geral (FAIRCLOUGH, 1989, 2003; HEBERLE, 2000, 2006), e como isso acaba tornando as pessoas mais cientes e conscientes de seu uso, tendo em vista que, muitas vezes, é para dominar ou reforçar desigualdades sociais, ou para analisar as mudanças que ocorrem nas organizações sociais já estabelecidas.

Van Dijk (2008) explica que a ACD estuda principalmente a forma como o abuso de poder social, a dominação e a desigualdade são reproduzidas. Levando isso em consideração, a língua pode ser vista como um aparato de controle e de poder, e a ACD busca pesquisar sobre possíveis ideologias que podem estar escondidas em interações sociais, trazendo à tona o que antes era desconhecido ou, então, o que não havia sido percebido.

De acordo com Fairclough (1989, 2003), a ACD tem dupla natureza muito poderosa como característica, ligando igualmente língua e sociedade, reconhecendo diferentes discursos, ao representar uma parte específica do mundo e ao representá-la de uma perspectiva muito particular (FAIRCLOUGH, 2003). Isso significa, portanto, que um analista do discurso pode identificar os principais temas globais que são representados em um texto, como também identificar o ponto de vista particular do qual ele é representado. Identificar os temas globais não significa universalizar a discussão, mas reconhecer que existem forças discursivas hegemônicas que se sobrepõem aos outros discursos. Dessa forma, uma perspectiva decolonial, associada à perspectiva crítica de análise do discurso, permite criticar discursos particulares que pretendem se tornar universais.

Através dessa abordagem à análise do discurso, é possível então compreender o modo como as representações presentes em textos (no presente caso multimodais) podem influenciar a manutenção ou a disputa de papéis sociais no contexto atual, em que as mídias sociais assumem importante protagonismo na comunicação.

Segundo Fairclough, a análise de eventos discursivos se divide em três níveis: a descrição, que compreende as propriedades formais do texto, as escolhas linguísticas e semióticas do autor, quando nos escorremos sobre a Gramática do Design Visual (GDV); a interpretação de tais escolhas dentro do contexto de produção e interpretação textual; e, por fim, a explicação das relações complexas entre texto e sociedade, para a qual se toma como base estudos sociais e linguísticos que envolvem as questões da pesquisa.

Apesar da suposta heterogeneidade de abordagens metodológicas que podem surgir a partir desse tripé, há seis princípios que unem o campo de pesquisa (MELO, 2018; VAN DIJK, 2005; RESENDE, 2012):

(1) ímpeto crítico: a ACD não está focada em elementos linguísticos ou semióticos, mas em revelar a forma como as práticas discursivas estão emaranhadas às estruturas de poder e dominação;

(2) explicitude político-ideológica: a ACD não ignora o fato de que todo pesquisador tem um posicionamento ideológico e que investigações científicas resultam em efeitos sociais. Ao contrário, “assumem os(as) analistas críticos(as) do discurso, portanto, que a neutralidade diante das estruturas sociais, numa pesquisa, torna o(a) pesquisador(a) cúmplice de tais estruturas” (MELO, 2018, p. 32), e assim exaltam a possibilidade de sua prática científica produzir mudanças positivas, para quem se encontra em situação de desvantagem social (VAN DIJK, 2005);

(3) transdisciplinaridade: a ACD operacionaliza e transforma outras teorias, extrapolando o limite das disciplinas para a análise de problemas sociais manifestados no discurso;

(4) aplicabilidade: as pesquisas em ACD são aplicadas, sempre objetivando a promoção do pensamento crítico e da mudança social. Além disso, como resultado da característica transdisciplinar dos estudos, a ACD se predispõe ao diálogo e a ser ferramenta de análise de outras disciplinas;

(5) acessibilidade: a ACD propõe que o conhecimento científico transborde a bolha das bibliotecas universitárias, com a ampla socialização dos estudos e resultados apresentada de forma compreensível e acessível;

(6) empoderamento social: ao introduzir o livro *Language and Power* (1989, p. 1), Fairclough explica suas intenções ao escrever a obra e diz: “para ajudar a aumentar a consciência de como a língua contribui para a dominação de algumas pessoas por outras, pois a consciência é o primeiro passo em direção a emancipação”. Isso resume uma das principais metas da ACD, que busca um efeito prático

de mudança nas relações sociais, ao oferecer embasamento teórico para a proposição de usos da língua não discriminatórios contra grupos sociais minoritários, para a definição de novas pedagogias críticas e para melhor compreensão da realidade social, entre outros.

De acordo com Fairclough (1989, 2003), a ACD tem dupla natureza muito poderosa como característica, ligando igualmente a língua e a sociedade, e reconhecendo diferentes discursos ao representar uma parte específica do mundo e ao representá-la de uma perspectiva muito particular (FAIRCLOUGH, 2003). Isso significa, portanto, que um analista do discurso pode identificar os principais temas globais que são representados num texto, como também identificar o ponto de vista particular do qual ele é representado.

Desta forma, nossa análise neste artigo vai focar na descrição e interpretação dos memes e na explicação da relação entre a interação e o contexto social. Acreditamos que, à vista disso, criaremos maior consciência e traremos atenção para a forma de como a língua pode replicar e manter estruturas sociais, reproduzir realidades e ideologias.

### **Gramática visual**

Neste artigo, analisaremos não somente a linguagem verbal de memes enviados por *WhatsApp*, mas também os aspectos visuais, uma vez que ambos expressam significados e trazem representações da realidade, embasados pela teoria da gramática visual (KRESS; van LEEUWEN, 2006). A teoria da gramática visual descreve a forma como os elementos representados – pessoas, lugares e coisas - combinam em “declarações” visuais de maior ou menor complexidade e extensão. No entanto, de acordo com os autores, a gramática visual é culturalmente específica, e depende da cultura e do contexto local para ser estudada (KRESS; van LEEUWEN, 2006). A seguir, descrevemos brevemente

os recursos visuais que serão analisados, juntamente com a língua escrita dos memes.

### *Representações narrativas*

As representações narrativas, segundo Kress e van Leeuwen (2006), podem expressar o mesmo conteúdo do texto verbal, embora de maneiras diferentes. Tomando esta correspondência funcional entre linguagem visual e verbal, os autores decidem usar Halliday (1994) para dar suporte à sua investigação de imagens, composta por participantes e processos. Os participantes são divididos em interativos e representados: os interativos são os únicos envolvidos no ato de comunicação, ou seja, aqueles que falam, escrevem ou leem; enquanto que os representados são os sujeitos do ato de comunicação, as pessoas, os lugares ou os objetos incorporados na imagem.

Os processos narrativos podem ser de dois tipos: a narrativa e o conceitual. Por um lado, a narrativa existe, quando os participantes estão conectados por um vetor, o que significa que eles estão fazendo algo para um ou para o outro, exibindo desdobramentos de ações, processos de mudança e arranjo espacial temporário. O processo narrativo-conceitual, por outro lado, representa os participantes em termos de sua classe, estrutura ou significado, e pode ser determinado pelo tamanho e pela notabilidade dos elementos dos quais a imagem é composta.

Além disso, os processos narrativos são divididos em quatro tipos: ação, reação, verbal e mental. Nos processos de ação, o Ator é o participante principal, do qual parte o vetor, e o objetivo é o participante para o qual a ação é dirigida. No processo reacional, o vetor é formado por um olhar (do inglês *eyeline*), pelo curso do olhar de um ou mais participantes. Aqui, os participantes são chamados Reator e Fenômeno:

o Reator é quem olha, e o Fenômeno é o outro participante para o qual o Reator está olhando.

Os processos conceituais, por sua vez, são divididos em duas categorias: 1) os processos classificacionais, que relacionam participantes uns com os outros como Subordinados ou Superordinados; enquanto que, no 2) os processos analíticos relacionam os participantes em termos de uma estrutura parte-todo, envolvendo dois tipos de participantes: o Portador e os Atributos. O primeiro representa o todo, enquanto que o último representa as partes.

### *Representação e interação*

Nesta seção, focamos na interação entre os produtores ou criadores das imagens e o espectador. Na análise de imagens, dois tipos de participantes estão envolvidos: o interativo e o representado. De acordo com Kress e van Leeuwen (1996), a interação entre eles pode acontecer em três formas: 1) relações entre os participantes representados na imagem; 2) relações entre os participantes interativos e os representados; e 3) relações entre participantes interativos. Muitas vezes, o conhecimento do produtor da imagem e do espectador pode diferir, principalmente porque o produtor é ativo, ou seja, criador da imagem, enquanto que o espectador é passivo, apenas recebe mensagens, apenas lendo ou visualizando.

Levando isso em consideração, algumas dimensões para os significados interativos das imagens serão exploradas, a fim de tornar explícito o que é codificado: olhar, tamanho da moldura e distância social e ângulo. Considerando que as imagens podem representar diferentes funções de comunicação, observar e analisar a diferença entre elas é fundamental. Uma característica importante a ser analisada é o olhar dos participantes. Se o participante estiver olhando diretamente nos olhos do espectador, vetores entre seus olhos são

formados, significando que o contato foi estabelecido, mesmo que imaginário. Nesse caso, o produtor usa este recurso para “exigir” algo dos visualizadores, abordando-os explicitamente. Em contrapartida, quando a imagem se dirige aos espectadores indiretamente, nenhum contato é feito, e o papel do espectador é o de um estranho. Este tipo de imagem é chamado de “oferta”, uma vez que sugere que a imagem é apenas um item de informação e contemplação ao espectador.

Por outro lado, o tamanho do quadro da imagem está relacionado a distância entre os participantes e o espectador, que pode ser uma fotografia tirada de perto, de distância mediana ou foto tirada de longe, sugerindo relações diferentes entre os representados. Kress e van Leeuwen (2006) explicam que a foto tirada de perto sugere uma relação muito íntima, uma vez que os participantes estão próximos uns dos outros. A foto média significa que interesses e envolvimento pessoais são trocados, enquanto que a foto distante sugere que as relações entre os participantes são estranhas umas às outras. Ou seja, quanto mais alto ou mais distante é o quadro da imagem, mais alto é o nível de contemplação.

O ângulo horizontal pode ser visto a partir de duas funções distintas: do plano frontal do produtor e dos participantes, e podem ainda ser oblíquos ou frontais. A principal diferença entre eles é a diferença entre desapego e envolvimento. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), o ângulo frontal significa que o mundo é visto, mas não é compartilhado entre os participantes. Por outro lado, o ângulo oblíquo significa que o que é retratado não é algo de seu mundo, algo separado, com o qual eles não estão envolvidos. Ambos os ângulos podem ser encontrados na mesma imagem. O ângulo vertical tem estreita relação com as relações de poder. Se o participante representado é visto de um ângulo alto, então este participante tem poder; se o participante for visto de um ângulo baixo, então o visualizador é mais poderoso, olhando

para o participante de cima; e se o ângulo está no nível do olho, uma relação de igualdade é estabelecida entre participante e espectador, sem diferença de poder.

### *O significado da composição*

Composição é a forma pela qual os elementos representacionais e interativos relacionam-se uns com os outros, e acontecem em três sistemas: valor de informação, saliência e enquadramento. Na análise de imagens, o valor da informação informa sobre a colocação de objetos em diferentes frações da página e atribui a eles alguns valores informativos, enquanto que as dicotomias de zoneamento podem ser três: esquerda / direita, superior / inferior e centro / margem. O lado esquerdo é apresentado como Dado e o lado direito como Novo. O dado significa que o que é retratado é algo que o espectador já conhece, um familiar ponto de partida da mensagem, senso comum. Em contraste, o Novo é algo com o qual o espectador não está familiarizado, informação desconhecida; no entanto, pode ser visto algo “problemático” ou “contestável”. A fração superior da imagem também é chamada de Ideal e a fração inferior dela, Real. O primeiro significa que o que é retratado no topo é o idealizado, ou a essência geral da informação, sendo também a parte mais destacada. Este último, ao contrário, traz uma ideia mais prática e realista, algo concreto. Finalmente, a fração central de uma imagem traz uma sensação de solidez, representando a parte essencial da informação, tendo as margens complacentes, dependentes, como informações adicionais.

Saliência, o segundo componente, cria uma hierarquia de importância entre os elementos dos memes analisados. Um número de fatores está envolvido aqui: tamanho, foco, cor, colocação no fundo ou primeiro plano e perspectiva, por exemplo. Esses fatores podem conectar ou desconectar elementos, fazendo com que chamem mais

a atenção para si mesmos, do que para os outros. Saliência torna-se essencial em moldar o participante principal em um processo visual.

O terceiro componente, enquadramento, também é uma questão de grau: os elementos podem ter uma moldura forte ou fraca (KRESS; van LEEUWEN, 2006). A presença ou ausência de enquadramento pode conectar ou desconectar elementos, mostrando se eles pertencem juntos ou não. Sua presença significa individualismo e segregação, e sua ausência enfatiza a identidade do grupo.

### **Antifeminismo e desinformação imagética**

Nesta seção, analisaremos três memes selecionados que representam ou trazem mensagens cômicas, conceituais ou difamatórias.

A análise de imagens, como bem alertam Kress e van Leeuwen (2006), é mais que mera descrição, é um empreendimento politicamente engajado, uma vez que tem foco em questões tanto linguísticas quanto sociais. Para os autores, toda estrutura visual que nos rodeia, como os discursos imagéticos dos memes analisados, no presente trabalho, “são ideológicos. As estruturas visuais nunca são meramente formais: elas possuem uma dimensão semântica profundamente importante” (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 47, tradução nossa).<sup>2</sup> Dessa forma, é possível apontar que os memes analisados apresentam complexa relação discursiva com práticas sociais que se materializam diariamente em debates jornalísticos, em vídeos de canais do *Youtube*, em embates políticos do Legislativo, e servem, ainda, para construir ou reforçar uma realidade linguística desinformada, binária e preconceituosa.

O meme cujo título é diferenças (Figura 1), entendido aqui como um meme conceitual, traz informações construídas a partir de um sentido de verdade que julga sob um ponto de vista binário e hierarquizado, o que é ser feminista e o que não é ser feminista, atribuindo juízo de

---

<sup>2</sup> Original: “They are ideological. Visual structures are never merely formal: they have a deeply important semantic dimension” (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 47).

valor negativo ao que se entende por mulher feminista e juízo de valor positivo, ao que se entende por mulher conservadora, privilegiando, nesse sentido, as mulheres conservadoras em detrimento das feministas. Ademais, a classificação taxonômica usada neste meme, associa automaticamente o oposto de uma mulher não conservadora a uma feminista e, conseqüentemente, o oposto de uma mulher não feminista a uma conservadora, como se fossem opostos diretos, como se não existissem meios-terminos ou como se não existissem outras categorizações. Além de binário e essencialista, o meme distorce a conceituação real do que é ser feminista.

O padrão de leitura visual utilizado no Ocidente apresenta aspectos de complementaridade em um sentido contínuo da esquerda para a direita, atestando como dado (*Given*), o significado presente do lado esquerdo da imagem e como o novo (*New*), a significação presente do lado direito da imagem. Além disso, o lado direito representa ser a informação central que confere veracidade à informação divulgada na imagem, funcionando como um “*role model*”, como um modelo ou um padrão a ser seguido, enquanto a informação contida ao lado esquerdo da imagem é de conhecimento comum na sociedade, pois já faz parte da cultura. O que é apresentado como novo deve ser aprendido, repetido e, portanto, deve apresentar-se como foco de atenção. Ambas as informações são ideologicamente construídas, pois fazem parte de um sistema de crenças e valores pertencentes a leitores/consumidores e de produtores da imagem. (KRESS; van LEEUWEN, 2006). Nesse sentido, do lado esquerdo da imagem em análise, encontra-se a informação já conhecida acerca da mulher feminista, conhecimento já conhecido e consolidado na sociedade, portanto, dispensa atenção. Do lado direito da imagem consta a informação referente à mulher conservadora, aquela a que se pretende dar efetiva atenção e cujos atributos são dignos de respeitabilidade.



Figura 1 - Meme conceitual

No esquema de cores da imagem, é possível observar que a mulher feminista encontra-se do lado vermelho, cor historicamente associada ao comunismo em países ocidentais de tradição capitalista, como também ligado ao perigo e a sangue; a cor rosa que representa a mulher conservadora, geralmente, passa uma mensagem mais gentil e amorosa aos leitores. Ainda no esquema de cores, mas no que diz respeito ao avatar das figuras que representam as mulheres, é possível perceber que o cabelo da mulher feminista é mais curto e vermelho, possivelmente tingido, enquanto o cabelo da mulher conservadora apresenta um corte mais longo, cor natural, possivelmente claro, caracterizando-a por uma aparência mais austera e bonita. A mulher feminista é associada a roupas excessivamente curtas, o que a deixaria exposta a crimes sexuais, como assédio e abuso, e o que também demonstraria falta de decoro e discrição. O excesso de pelo nas pernas é uma tentativa de demonstrar que mulheres feministas pouco se importam com a aparência física e, ainda, militam contra a retirada de pelos por considerarem algo opressor. Dessa forma, a mulher feminista

fica associada a desleixo, pouca higiene e à vulgaridade no estilo e na aparência.

A construção de sentidos projetada sobre o avatar de cada mulher gera juízos de valores específicos. Tanto o corpo da feminista quanto seus olhos estão completamente voltados para o espectador, exigindo (*demand*), assim, contato direto com esse espectador. Tal atitude pode ser compreendida como desafiadora ou como uma afronta; pode, ainda, ser interpretada como assertividade, o que em muitos contextos é um comportamento desencorajado para muitas mulheres, especialmente em âmbitos em que a presença masculina é majoritária e a feminina, minoritária. A mulher conservadora, em contrapartida, está levemente de lado, dirigindo-se indiretamente aos espectadores, embora faça contato direto com os olhos. Sua posição de lado pode ser entendida como uma Oferta (*offer*) – seja de simpatia, seja de receptividade para com os leitores. Essa diferença, embora sutil, confere à mulher conservadora um lugar de vantagem e de superioridade, quando comparada com a mulher feminista, pois a coloca como mais aberta ao diálogo e ao cuidado com a família.

Em termos textuais, é importante apontar que: (i) a mulher feminista enquadra-se na categoria descrita como mulher conservadora; e (ii) as características da mulher feminista são baseadas em apropriações distorcidas das principais pautas do feminismo enquanto movimento político. A mulher feminista também é capaz de amar seus filhos, marido e família, tanto quanto a mulher conservadora. Aliás, ser feminista não é impeditivo para não ter filhos e uma família. O feminismo critica a violência perpetrada por homens contra as mulheres, como o feminicídio, mas não se opõe ao casamento, pelo contrário, apoia as diversas sociabilidades, como o casamento heterossexual padrão e o casamento homoafetivo. Ser crítica ao casamento que oprime, que subjuga mulheres e que tolhe a liberdade dessas mulheres é

veementemente criticado pelo feminismo; entretanto, o casamento e a constituição da família em moldes equitativos, prezando por um relacionamento saudável e harmonioso, é amplamente encorajado. Feministas podem ser tão femininas quanto mulheres conservadoras e, ainda, simultaneamente, questionar os padrões de beleza opressores da sociedade contemporânea. É possível ser mãe, esposa, feminina e feminista; não há excludentes aqui.

O feminismo não defende a prática do aborto, mas a descriminalização do aborto, ou seja, o encarceramento de mulheres – geralmente as periféricas – e os profissionais da saúde envolvidos na prática de aborto. Ninguém considera tornar a prática do aborto uma prática recorrente, muito menos um *hobby*.

Inúmeros protestos feministas foram realizados ao longo dos anos e, embora algumas mulheres decidam mostrar os seios, como tentativa de naturalizar o corpo feminino que é alvo de constante sexualização desde a mais tenra infância, nem todas as mulheres que protestam se sentem confortável com tal prática. Em contrapartida, durante uma das maiores festas brasileiras, o carnaval, muitas mulheres decidem mostrar parte considerável do corpo, mas poucas ou quase nenhuma são as sanções morais para aquelas que decidem mostrar seios e o resto restante do corpo; longe de reivindicar aqui que mulheres sejam criticadas por mostrarem o corpo durante o período de carnaval, é preciso, entretanto, apontar a incoerência no que diz respeito ao controle de corpos femininos.

No meme cômico, conforme Figura 2 abaixo, vemos uma imagem dividida em quatro quadros que vão se fundindo e se transformando de uma imagem para outra, e a mensagem textual escrita “Quando a conta do restaurante chega”. Para realizar a análise deste meme, primeiramente vamos analisar as questões imagéticas, baseadas na

GDV e, depois, analisaremos a mensagem escrita textual, baseada na ACD.

## Quando a conta do restaurante chega



Figura 21. Memes com os

Ao centro da imagem aparece o logo com os dizeres CORRUPÇÃO BRASILEIRA MEMES, criador do meme. O logo, criado usando o símbolo do Exército brasileiro, por si só já demonstra disciplina, apego às tradições e regras a serem seguidas. Ao usar este símbolo para servir de logo para a criação de memes, seus criadores podem ter, mesmo que inconscientemente, optado por criar memes que reforçam e espalham mensagens machistas, reforçando ideias antiquadas e inverídicas para o movimento feminista.

No primeiro quadro da imagem, no canto superior esquerdo, podemos visualizar a imagem clássica do feminismo (*we can do it*<sup>3</sup>),

---

<sup>3</sup> O cartaz originalmente foi chamado de “Rosie, a Rebitadora”, criado por J. H. Miller para a fábrica *Westinghouse Electric Corporation*, e foi idealizado para ser uma propaganda de guerra dos Estados Unidos, com o objetivo de incentivar as mulheres americanas trabalhadoras, durante a Segunda Guerra Mundial. A imagem foi utilizada internamente durante um curto período de tempo e fazia parte de uma série. A intenção da imagem era chamar a atenção das mulheres e atraí-las ao trabalho num período em que os homens não poderiam fazer isso, já que estavam na guerra. No entanto, o cartaz teve pouca repercussão durante o período e somente anos mais tarde, em meados dos anos 1970, com o fortalecimento do movimento feminista, a ilustração voltou com força total reutilizada como forma de empoderamento feminino (Disponível

em que uma mulher branca, de cabelos escuros e presos por um lenço vermelho, cruza seus braços mostrando um musculoso bíceps, usando uma camisa azul, num fundo de cor amarela. O olhar da mulher, personagem principal deste quadro, é fixado diretamente no olhar do espectador, criando uma relação próxima e, de acordo com a Gramática Visual, isso significa que ela está demandando ou exigindo algo de quem a contempla. Suas sobrelombas arqueadas reafirmam isso: ela parece que está convidando o espectador a tomar alguma atitude, estar com ela na busca por algo mais concreto. O braço da mulher, posicionado como um vetor, está direcionado a um objeto acima dela (KRESS; van LEEUWEN, 2006), em concordância com o movimento feminista e sua busca por igualdade nas relações entre gêneros. As cores vivas presentes na imagem, ou seja, amarelo, azul e vermelho, parecem dar vida à ação, trazendo brilho e energia. O fato de a mulher estar ao centro do quadro, de acordo com a Gramática Visual, é significativo, pois demonstra um senso de permanência na imagem: aqui a mulher e sua luta, demonstrada por seu braço, formam o centro da imagem, e todo o restante se torna subserviente. Neste caso, portanto, o fundo torna-se secundário, até porque é um fundo liso, sem objetos e sem cenário, e de uma cor só.

O segundo e o terceiro quadro mostram imagens sobrepondo-se. No segundo quadro, a imagem da mulher em luta sobrepõe-se à imagem da Cinderela, personagem e princesa da Disney. No terceiro quadro, quem se sobrepõe é a Cinderela acima da mulher símbolo do feminismo. As cores, em ambos os quadros, são similares e variam em torno de azul claro e amarelo claro principalmente. Isto pode significar que estes quadros variam em tons mais suaves e brandos, levando em

---

em: <https://www.hypeness.com.br/2017/12/conheca-a-historia-por-tras-de-rosie-o-cartaz-simbolo-do-feminismo-que-nao-foi-criado-com-essa-intencao/>. Acesso em: 23 fev. 2021).

consideração o processo de transição e de empoderamento constante das mulheres, que buscam por mais igualdade de gênero e por uma sociedade feminista.

O quarto e último quadro da imagem, no canto inferior direito, mostra claramente a imagem da Cinderela, personagem ilustrada pela princesa dos filmes da Disney<sup>4</sup>. Cinderela é uma princesa, mulher branca de cabelo loiro e olhos azuis, magra e, supostamente, frágil, pois busca por um príncipe que possa guiá-la em sua vida. As cores predominantes são o azul claro de seu vestido e amarelo claro do seu cabelo loiro, e o fundo é apresentado branco, como se inexistente ou secundário. Assim como no primeiro quadro, a Cinderela é apresentada no centro da imagem, e seu olhar está brevemente apresentado à diagonal para o canto superior da imagem. De acordo com a Gramática Visual, isto significa que ela é vista como Oferta, uma vez que está apresentada ali para contemplação, sem exigir nada do espectador, e isto pode significar que a personagem e o espectador mantêm uma relação distante (KRESS; van LEEUWEN, 2006). O fato de seus braços e suas mãos estarem operando como Vetores, cujo Objeto recai sobre si mesma, demonstra que possivelmente esta personagem busca algo muito pessoal e íntimo, pois sua ação e sua reação partem e voltam para ela mesma. Levando em consideração o conto de fadas da Cinderela, essa análise é reforçada, pois a Cinderela busca cuidar de si para que o príncipe a note e queira se casar com ela, tornando-a princesa.

A análise da parte escrita presente no meme reforça o que a análise visual apresenta. Na análise da frase, “Quando a conta do

---

<sup>4</sup> Cinderela é um conto de fadas e tem origem baseada em diferentes versões. A mais antiga é a do C. Perrault, similar à dos Irmãos Grimm, e é vista como uma história romântica fortalecendo arquétipos de que a mulher sonha em encontrar um príncipe encantado para resolver seus problemas, salvá-la da vida anterior a ele e reconhecendo-a de forma única e especial, conduzindo-a a uma existência superior ao ter um companheiro e morar num castelo.

restaurante chega” em consonância com a análise visual, temos um cenário que mostra e reforça a ideia de que mulheres querem ser feministas até que seja confortável ou viável a elas. A frase sugere que mulheres são feministas e colocam-se à luta (como a mulher ilustrada no primeiro quadro do meme) com seus braços em punho até que tenham que fazer algum “esforço” para sobreviver, como pagar a conta do restaurante em um encontro, por exemplo. Neste caso, as mulheres tornam-se princesas ou “Cinderelas” (como no último quadro do meme), sendo objeto de contemplação ao precisarem de um “príncipe” que possa salvá-las, neste caso, ao terem suas contas pagas supostamente por um homem. Além disso, a personagem da Cinderela demonstra uma imagem mais juvenil, jovem e infantilizada, para contemplação, enquanto que a mulher-símbolo do feminismo já aparece estar na idade de uma jovem adulta, trazendo sensação de mais maturidade, realidade e independência, trabalhando e lutando para conquistar seus objetivos. Entende-se, portanto, que a Cinderela apresenta-se frágil e dependente de alguém que pague sua conta no restaurante, enquanto que a mulher-símbolo do feminismo apresenta-se independente, dona de si.

O meme intitulado *inversão de valores* (Figura 3) apresenta uma taxonomia explícita, em que as duas profissionais de psicologia, uma que detém registro no Conselho Federal de Psicologia, e a outra, que teve seu registro cassado, tem suas características listadas. Porém, há também uma relação velada entre as duas mulheres, já que as características apresentadas não dizem respeito à sua profissão, mas a seus investimentos político-ideológicos.

O meme como um todo pode ser considerado um processo analítico-exaustivo, onde cujos atributos do Portador (*carrier*) são apresentados no texto escrito em sua totalidade. O texto assim se assemelha muito a uma taxonomia animal, que compara diferentes

espécies de um mesmo gênero. Quando os participantes são inseridos em um sintagma que estabelece uma classificação, isso significa que o autor do texto os considerou como membros da mesma classe, nesse caso duas mulheres, mas de espécies diferentes, atribuindo então juízo de valor positivo a uma e negativo a outra. Essa representação simbólica, que fala sobre aquilo que o participante é (KRESS; van LEEUWEN, 2006), e analítica exaustiva, de forma binária e essencialista, reduz ambas as mulheres às suas opiniões e crenças, como se houvesse apenas duas maneiras de ver o mundo, em que todas as ateias seriam a favor da legalização da maconha, do aborto, do kit gay e da pornografia, e todas as cristãs seriam contra os três primeiros itens, mas a favor da família. Assim, o texto incorre no sofisma da falsa dicotomia, sugerindo que o Conselho Federal de Psicologia apoia as primeiras e persegue as segundas.



Figura 3: Meme difamatório

Estudos na área de mídias sugerem que as pessoas sentem prazer ao ler informações que confirmam suas crenças, criando uma “câmara de eco na qual somos compelidos a acreditar naquilo que nos faz sentir bem, em detrimento do que é demonstravelmente verdadeiro” (McAFEE, 2020, p. 26, tradução nossa)<sup>5</sup> ou até mesmo

<sup>5</sup> Original: “This creates a natural echo-chamber in which we are compelled to take

lógico. Isso, somado à exposição seletiva a conteúdos que as mídias sociais frequentemente impõem através dos algoritmos, que sugerem ao usuário sempre mais do mesmo, apontando para conteúdos novos que tendem a seguir a mesma perspectiva de conteúdos que foram “gostados” ou que receberam mais atenção anteriormente, incentiva a polarização e o radicalismo antifeminista.

As imagens escolhidas das duas mulheres reforçam o juízo de valor e a representação simbólica. Em ambas as imagens, o fundo é “desenfocado”, e as semelhanças terminam aqui. A imagem que representa Tatiana Lionço constitui um processo narrativo, em que ela, enquanto atora, morde o que parece ser algo em formato de pênis e toca a outra pessoa. O leitor vê a imagem em ângulo de baixo para cima, pescoço exposto e os olhos semicerrados encaram a câmera, como em um convite ou desafio.

Marisa Lobo, por sua vez, é representada através de um processo conceitual. Ela não age, apenas está ali disposta ao escrutínio do leitor. O contato estabelecido com o leitor é de oferta, os olhos escondidos atrás dos óculos de sol e o ângulo de cima para baixo sugerem submissão. Ela retrata a representação religiosa da mulher, ainda hoje, ligada ao ideal cristão da monogamia, da heterossexualidade e da submissão ao homem (LEMOS, 2007), enquanto Tatiana Lionço é marginalizada por expressar de forma livre sua sexualidade.

O texto também apresenta as duas mulheres de forma reducionista, como se elas não fossem nada além do que está aqui representado. Não há, por exemplo, qualquer referência aos motivos porque uma profissional teve seu registro cassado, denotando que esses seriam exatamente os “valores” aqui apresentados, como se posições político-ideológicas fossem estáticas e independentes de contexto.

---

in what makes us feel good over what’s demonstrably true” (McAFEE, 2020, p. 26).

O meme (Figura 3), então, expõe duas mulheres reais ao escrutínio do leitor, enquanto representantes de dois (e únicos) tipos possíveis de mulher: (i) aquela que não tem valores, é atea e a favor da legalização da maconha, do aborto, do *kit gay* e da pornografia; e (ii) aquela que tem valor, é cristã, é contra a legalização da maconha, o aborto, o *kit gay* e a favor da família. Essa representação ignora completamente a possibilidade de que uma mulher cristã possa gostar de pornografia, ou de uma atea ser contra o aborto, construindo, a partir de uma perspectiva dos valores cristãos, a falsa suposição de que o Conselho Federal de Psicologia apoia uma profissional que não tem valores, e persegue a profissional que os têm.

### **Considerações finais**

Este trabalho buscou analisar os padrões discursivos dicotômicos que usam uma linguagem classificatória, hierarquizante e binária para descrever mulheres e o movimento feminista em memes compartilhados através de aplicativo de mensagens *WhatsApp*. A análise dos três memes classificados aqui pelas pesquisadoras, como conceitual, cômico e difamatório, conduz o leitor/espectador a uma narrativa desinformada acerca do feminismo e produzem sentidos preconceituosos que distorcem os preceitos verdadeiros da luta de mulheres por igualdade, respeito e segurança, para citar algumas das pautas feministas.

Com base em uma perspectiva feminista decolonial, foi possível compreender a raiz histórica e sociopolítica que destituiu o poder das mulheres, classificando-as a partir de um padrão hegemônico e eurocentrado, que exclui mulheres e predetermina um modelo adequado de feminilidade e de sociabilidade feminina, excluindo diferenças, gerando desigualdades, promovendo rivalidades e desinformação preconceituosa e sexista.

Com base na Análise Crítica do Discurso e na Gramática do Design Visual, ambas de inspiração *hallidayana*, foi possível compreender as relações comunicativas complexas e dinâmicas, cujos significados são negociados e compartilhados entre os leitores/espectadores, reforçando suas crenças e concepções preconcebidas acerca do que é ou não o feminismo e de quem são ou não as feministas. Conclui-se, portanto, que os memes analisados formam uma paisagem linguística que atua em uma complexa rede partilhada, discursivamente, entre indivíduos na sociedade, contribuindo negativamente para o debate acerca do feminismo.

## Referências

ARAGÃO, R.; LEMOS, T. WhatsApp e multiletramentos na aprendizagem de inglês no Ensino Médio. *Polifonia*, Cuiabá-MT, v. 24, n. 35/1, p. 73-94, jan./jun. 2017.

BALAREZO-LOPEZ, G. Laugh not to suffer: the coronavirus pandemic through the humor memes on *whatsApp*. *PAIDEIA XXI*, Lima, v. 10, n. 2, p. 555-572, jul./dic. 2020.

CHAGAS, V. Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de whatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 72, p.169-196, jan./abr. 2021.

COELHO, C.; COSTA, B. M. S. Rastros da senzala nos memes de internet. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL*, 2., 2018, Goiânia. *Anais [...]*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018. p. 929 - 941.

DONCEL, E. B. *Circulación de memes en WhatsApp: ambivalencias del humor desde la perspectiva de género*. *EMPIRIA, Revista de Metodología de Ciencias Sociales*. n. 35, septiembre p. 21-45, sept./

dic. 2016.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and power*. Harlow: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London and New York: Routledge, 2003.

HEBERLE, V. M. Critical reading: integrating principles of critical discourse analysis and gender studies. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 38, p. 115-138, 2000.

HEBERLE, V. M. *et al.* Linguagem e gênero: uma introdução. In: HEBERLE, V. M. *et al.* (ed.). *Linguagem e gênero: no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006. p. 7-12.

KRESS, Gunther; van LEEUWEN, Theo. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. Grã-Bretanha: Arnold, 2001.

KRESS, Gunther; van LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. 2<sup>nd</sup> ed. London: Routledge, 2006.

LEMOS, F. Se Deus é homem, o demônio é a mulher!: a influência da religião na construção e manutenção social das representações de gênero. *Revista Ártemis*, João Pessoa, v. 6, 2007.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, 2014.

MADDALENA, T. L.; COUTO, D. R.; TEIXEIRA, M.M. O que dizem os memes da educação na pandemia? Dilemas e possibilidades formativas. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 5, n. 16, p. 1518-1534, 2020, Edição Especial.

MAGGONG, L. The use of memes and whatsApp message in teaching literature. *AKSIS: Journal Pendidikan Bahasa dan Sastra*, Indonesia, v. 3, n. 1, p. 12-22, 2019.

MATAMOROS-FERNANDEZ, A. El negro de whatsApp meme, digital blackface, and racism on social media. Brisbane, Australia: Queensland University of Technology. *First Monday*, v. 25, n. 1, 2020.

MCAFEE, D. G. *The curious person's guide to fighting fake news*. Durham: Pitchstone Publishing, 2020.

MELO, I. R. Histórico da análise de discurso crítica. In: BATISTA JUNIOR, J. R.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (org.). *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018.

OYEWÙMÍ, Oyèrònké. *The invention of women: making an African sense of western gender discourses*. Mineápolis: University of Minnesota Press, 1997.

PIAIA, V.; ALVES, M. Opening the black box: exploratory analysis of the bolsonarista network on WhatsApp. *Intercom – RBCC*, São Paulo, v. 43, n. 3, p.135-153, sep./dec. 2020.

REIS, J. C. S. et al. A dataset of fact-checked images shared on whatsApp during the brazilian and indian elections. *Proceedings of the Fourteenth International AAAI Conference on Web and Social Media (ICWSM)*, 2020.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. Análise do discurso crítica como Interdisciplina para a crítica social: uma Introdução. In: MELO, I. F. (org.). *Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e método*. Campinas: Pontes, 2006.

RIOS, Flávia. Por um feminismo radical. In: VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

SAFFIOTI, H. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Expressão

Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTANA, J. P. et al. De que criança(s) estão falando?: análise dos memes veiculados no Brasil no período da pandemia do coronavírus. *Sociedad e Infancias*, n. 4, p. 225-228, 2020.

SÉKULA, R. J. *Os memes como exercício de contrapoder a discursos político-midiáticos: uma reflexão a partir dos debates eleitorais de 2014*. 2016. 238f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

Van DIJK, T. A. (2005). *Multidisciplinarity CDA: a plea for diversity*. In: WODAK, R.; MEYER, M. (org.) *Methods of critical discourse analysis*. London: Sage, 2005. p. 95-120.

Van Dijk, T. A. Critical discourse analysis. In: Schiffrin, D. et al. (ed.). *The handbook of discourse analysis*. USA, UK and Australia: Blackwell, 2008. p. 352-371.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ZIDJALY, N. A. Memes as reasonably hostile laments: a discourse analysis of political dissent in Oman. *Discourse & Society*, Qaboos, Omã, v. 28, n. 6, p. 573-594, 2017.